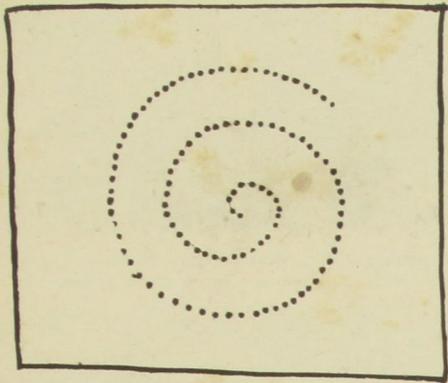
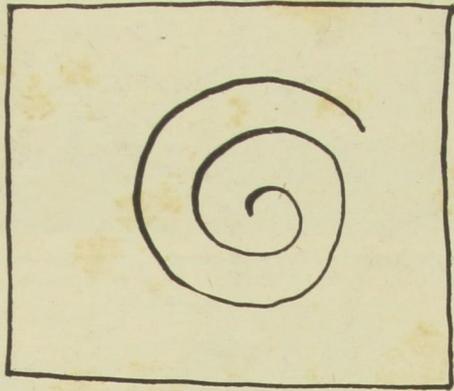


## OS ARTISTAS



CONSCENCIOSO



IMPROVISADOR

### A POESIA É NECESSÁRIA

DOIS SONETOS DE DOMINGUES DA SILVA

#### SONETO N. XVI

*E estando nós vestidos de amarelo  
veio o cais certo dia ao mar fendido,  
vago e leve, de aspecto indefinido,  
tão quase nós de tímido e singelo.*

*E ao céu de desembarque e de atropêlo  
em sangue e quase pássaro ferido,  
uma canção havíamos pedido,  
um som qualquer, de flauta ou violoncelo.*

*Nós gostamos de música e de dança,  
vivemos de canções e de esperança  
se não dormidos de ópio e de morfina.*

*E era de ver, os bonzos de mãos dadas  
com os limpa-chaminés, em mascaradas,  
nos ângulos sem luz de um cais da China.*



#### SONETO N. XXIV

*Ai, nunca me perdesse entre os vinhedos  
se bêbedo de vinho, êbrio de mêdos,  
falei de nossos íntimos segredos  
e na neve enterrei velhos brinquedos.*

*Que a lua iluminava com ternura  
rosas de sangue sôbre a estrada escura,  
e todos conheceram da amargura  
que eu vestia de sonho e de aventura.*

*Constrangimento estão, loucura quase,  
olhos cobertos de invisível gase,  
sentimento de culpa e confusão.*

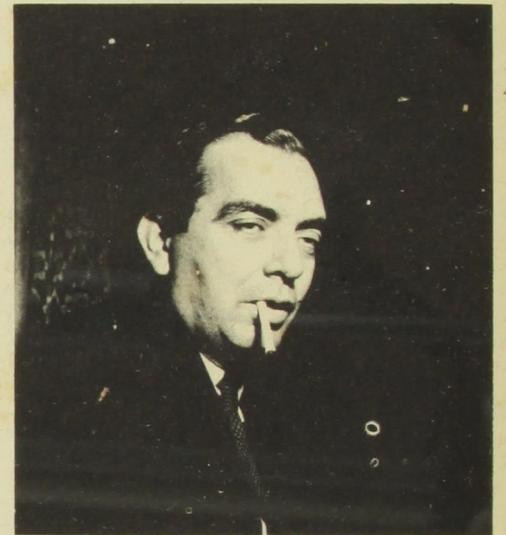
*Sei que havia violões e sei de banjos,  
e lembro os que de mim fugiam, anjos.  
Talvez quizessem-me êles e eu os não.*

Edmir DOMINGUES DA SILVA publicou seu primeiro livro no ano passado no Recife: "A rua do vento Norte", de onde tiramos os dois sonetos. Pouco sabemos do autor: que é advogado e que, ainda estudante, esteve em Paris em 1950, quando foi barrado no cabaret "Eve" porque tinha cara de menino. Ele mesmo ilustra o seu livro. Não há dúvida que, entre os novos, é dos melhores. Endereço: C. Postal 676, Recife.

DUAS PÁGINAS DE

Rubem

## GENTE DA CIDADE



### Nelson Rodrigues, dramaturgo

NELSON Falcão RODRIGUES nasceu no Recife, na rua João Ramos, em 1912; seu pai, o jornalista Mário Rodrigues, foi diretor do Correio da Manhã e fundador de dois jornais que marcaram época, "A Manhã" e "Crítica", este empastelado em 1930.

Aos cinco anos, o menino Nelson chegou ao Rio e foi morar com a família na rua Alegre, em Aldeia Campista, e nunca mais se esqueceu de uma valsa vienense que ouviu no gramofone da vizinha, em sua primeira noite carioca. Na mesma rua Alegre, estudou os cinco anos primários, numa escola pública, da qual saiu para o Colégio Batista, na Tijuca, de onde foi logo depois eliminado por indisciplina. Concluiu o ginásio no Curso Normal de Preparatórios.

Aos 13 anos, já trabalhava como jornalista, ganhando trezentos cruzeiros por mês como repórter de polícia no jornal de seu pai. Aos 15 anos, compôs a primeira página literária, intitulada "A tragédia da pedra". Seu pai quis fazer dele advogado ou médico, mas Nelson se creditava apenas romancista e, aos 18 anos, andava às voltas com um ambicioso romance cíclico chamado "A Cidade", não concluído. No jornal, mudou-se do setor policial para o esportivo, à sombra de seu irmão Mário Filho, que Nelson considera o "Homero do Futebol".

Depois de uma fase de boemia sem álcool, recolheu-se, por quatro meses, a Campos do Jordão, onde viveu a pior quadra de sua vida. Tinha então 23 anos. Dos 19 aos 26, atravessou um período de incubação literária, durante o qual nada escreveu porque se acreditava incapaz de produzir qualquer coisa. Nunca, porém, se afastou do jornalismo.

Casou-se aos 27 anos com d. Elza Bretanha e tem dois filhos, Joffre e Nelson (12 e 8 anos, respectivamente). Um ano depois do casamento, escreveu sua primeira peça, "A Mulher Sem Pecado", cujo manuscrito deu a Carlos Drummond de Andrade para ler. Fez então as primeiras relações literárias: Alvaro Lins, Manuel Bandeira, Santa Rosa. O seu grande êxito no

teatro veio logo depois com "Vestido de Noiva", levada em 1943 pelo grupo renovador dos "Comediantes", sob a direção de Ziembinski. Em seguida, escreveu "Álbum de Família", interdita pela polícia e iniciadora do debate que até hoje se prolonga em torno da figura de seu autor. Escreveu mais: "O Anjo Negro" (levada por Sandro-Maria Della Costa), "Dorotéa" (cuja montagem lhe fez perder duzentos contos), "Valsa Número Seis" (monólogo escrito expressamente para sua irmã Dulce Rodrigues) e "A Falecida" (levada, no ano passado, pela Cia. Dramática Nacional). Presentemente, está sendo ensaiada, sob a direção de Bibi Ferreira, "Senhora dos Afogados", que Nelson e seus admiradores consideram a sua melhor obra.

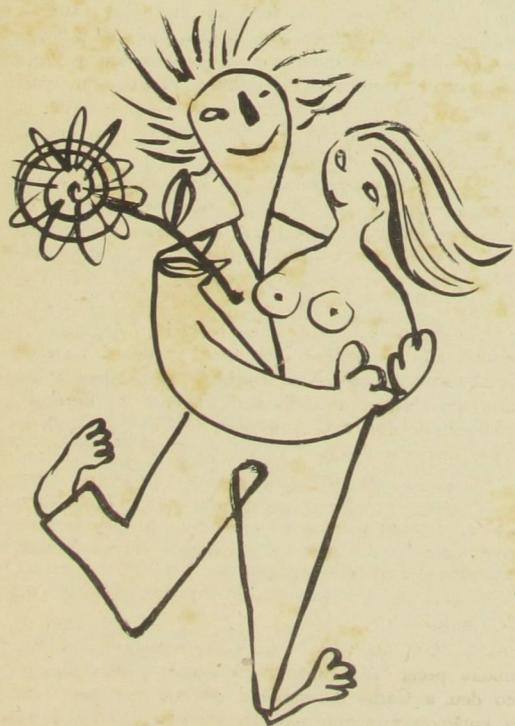
Como jornalista, trabalhou no "Globo" (duas vezes), em "O Tempo", no "Jornal dos Sports", nos "Diários Associados", no "Diário Carioca" e na "Última Hora", onde continua assinando a sua discutida coluna "A Vida Como Ela É...", que já existia dentro dele desde os 8 anos, quando escreveu, na escola pública, para a professora dona Amália, uma composição que tinha por tema um adultério.

Nos "Diários Associados", a pedido de Fred Chaubriand, para publicação no "O Jornal", escreveu o folhetim "Meu Destino É Pecar", já editado, sucessivamente, doze vezes. Foi o lançamento de Susana Flag, que publicou também "Minha Vida", "Escravas do Amor", "Nupcias de Fogo", "O Homem Proibido" e "A Mentira".

Aos 40 anos, Nelson Rodrigues é um pai de família pacato, cidadão do Andaraí, que nunca bebe (nem água mineral), sofre de uma discutível úlcera no duodeno e pesa 85 quilos, para 1,75 de altura. Politicamente, considera-se um reacionário tipo República Velha (textualmente), acredita no amor eterno, é pelo casamento indissolúvel ("Não se abandona nem uma namorada, quanto mais uma esposa!"), é visceralmente contra o progresso, contra a técnica e contra a alegria (pessoal ou coletiva). Não perde jogo de futebol, gosta de cinema americano, chora com filme romântico e diz que despreza o aplauso ou a espinhação dos contemporâneos e o julgamento da posteridade, seja qual for.



## Quermesse



De repente, os barris de chope começaram a produzir champanhe; e a menina de amarelo subiu na árvore iluminada com uma extraordinária rapidez; saltou, mas veio descendo lentamente, como se nadasse no ar, sorrindo; e a charanga em uniforme da Guerra do Paraguai atacou o Dobrado Maior.

Então toda a multidão regressou alegremente à infância e começou a marchar por dentro de si mesma conduzindo flores e ninguém mais prestou atenção ao sorteio das prendas, a não ser um prêto extraordinariamente triste, um homem prêto de olhos escuros, magro e calado como um santo, que recebera por prêmio um país agrícola, porém não dispunha de meios para combater a saúva nem a devassidão dos aborígenes; mas este mesmo sorria, ainda que com timidez.

Eu fiquei tão feliz que me nasceu uma flor na lapela e uma namorada nos braços, e marchava entre árvores feéricas. Quando ouvimos os primeiros tiros, nós todos deitamos no chão e respondemos alegremente; as metralhadoras derrubavam flores, mas as flores viravam pássaros e saíram voando até conseguirem formar no céu a palavra Paz; então nos levantamos

rindo e nos abraçamos com aleluias. Um menino de cinco anos, mulatinho de olhos verdes, com seu gôrrô de marinheiro, lançou-se rindo nos meus braços, mas imediatamente galgou o peitoril do palácio e naquele instante se achava sozinho no salão de doces, perante o Grande Bôlo Iluminado.

Então tivemos a consciência de que estávamos sendo televisionados e minha namorada se disfarçou numa jovem casuarina; sentei-me no chão, apoiei a cabeça no seu tronco e adormeci.

Quando acordei, ela era outra vez mulher e passava a mão na minha cabeça e me dizia: "agora eu me chamo Teresa". Eu não quis perguntar porque; tive receio de que ela me contasse alguma coisa triste e então me ergui dizendo rapidamente: "vamos ao Pavilhão La Fiesta das Zebras Imperiais e ver a Girafa que planta bananeira, dizem que é uma coisa louca".

Ela, porém, fez um sorriso de dúvida, ou de pena e partiu. Quando olhei em torno vi que não havia mais ninguém.

Eu estava sozinho na penumbra e no silêncio; sentei-me em um banco de pedra e fiquei apenas olhando uma parede cinzenta, uma parede fria, uma parede lisa, triste. Uma parede.